

## DESMITIFICANDO A FAZELA: REVITALIZAÇÃO COMUNITÁRIA NO CONDOMÍNIO FLORES

*DEMYSTIFYING THE SLUM: COMMUNITY REVITALIZATION IN THE FLORES CONDOMINIUM*

*DESMITIFICANDO LOS BARRIOS MARGINALES: REVITALIZACIÓN COMUNITARIA EN EL CONDOMINIO FLORES*

Felihe Melque Cândido Fenelon<sup>1</sup>

Francirlene Rayane de Oliveira Serrão<sup>2</sup>

**Resumo:** Este projeto de extensão, intitulado "Desmitificando a Favela", analisa a revitalização comunitária do Condomínio Flores por meio de intervenções de urbanismo tático e pintura de fachadas. Fundamentado em autores como Paulo Freire e Henri Lefebvre, o trabalho propõe a desconstrução de estímulos sociais através do "direito à beleza" e da valorização simbólica do território. A metodologia participativa envolveu o diagnóstico sensível, oficinas de escolha cromática e o engajamento direto dos moradores na transformação estética do espaço. Os resultados demonstram que pequenas intervenções físicas geram impactos profundos na autoestima, no sentimento de pertencimento e na identidade coletiva, re-significando a favela como um espaço de potência e resistência. Para a Engenharia Civil, a experiência reforça a necessidade de uma formação humanística, evidenciando que a revitalização urbana é indissociável do diálogo social e do fortalecimento de vínculos afetivos e políticos com a cidade.

**Palavras-chave:** Revitalização Urbana; Urbanismo Tático; Direito à Cidade; Identidade Territorial; Inclusão Social.

**Abstract:** This extension project, entitled "Demystifying the Favela," analyzes the community revitalization of the Flores Condominium through tactical urbanism interventions and facade painting. Based on authors such as Paulo Freire and Henri Lefebvre, the work proposes the deconstruction of social stigmas through the "right to beauty" and the symbolic valorization of the territory. The participatory methodology involved sensitive diagnosis, color selection workshops, and the direct engagement of residents in the aesthetic transformation of the space. The results demonstrate that small physical interventions generate profound impacts on self-esteem, sense of belonging, and collective identity, re-signifying the favela as a space of power and resistance. For Civil Engineering, the experience reinforces the need for a humanistic education, highlighting that urban revitalization is inseparable from social dialogue and the strengthening of affective and political ties with the city.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Engenharia Mecânica do Centro Universitário Fanor Wyden – UniFanor Wyden.

<sup>2</sup> Possui graduação em Redes de Computadores pelo Instituto Esperança de Ensino Superior (2012). Tem experiência na área de Administração de redes de computadores, gerenciamento de projetos, Governança de TIMBA em gerenciamento de projeto de TI – FAVENI. Pós-graduação Lato Sensu - Especialização-FAVENE. Pós-graduação Lato Sensu - Especialização-FAVENE. Mestrado em Ciência de Dados Aplicada-University of Michigan em andamento.



**Keywords:** Urban Revitalization; Tactical Urbanism; Right to the City; Territorial Identity; Social Inclusion.

**Resumen:** Este proyecto de extensión, titulado "Desmitificando la Favela", analiza la revitalización comunitaria del Condominio Flores mediante intervenciones de urbanismo táctico y pintura de fachadas. Basado en autores como Paulo Freire y Henri Lefebvre, el trabajo propone la deconstrucción de estigmas sociales a través del "derecho a la belleza" y la valorización simbólica del territorio. La metodología participativa implicó un diagnóstico sensible, talleres de selección de colores y la participación directa de los residentes en la transformación estética del espacio. Los resultados demuestran que pequeñas intervenciones físicas generan profundos impactos en la autoestima, el sentido de pertenencia y la identidad colectiva, resignificando la favela como un espacio de poder y resistencia. Para Ingeniería Civil, la experiencia refuerza la necesidad de una formación humanística, destacando que la revitalización urbana es inseparable del diálogo social y del fortalecimiento de los vínculos afectivos y políticos con la ciudad.

**Palabras clave:** Revitalización urbana; Urbanismo táctico; Derecho a la ciudad; Identidad territorial; Inclusión social.

## 1 Contextualização

O projeto “Desmitificando a Favela” surgiu inicialmente como uma ação localizada: a simples reforma da casa de nossa professora, situada no Condomínio Flores, uma comunidade caracterizada por vulnerabilidade socioeconômica, dificuldades de infraestrutura e um processo histórico de marginalização urbana. Ao entrar naquele espaço, constatamos que a deterioração física da moradia não era um caso isolado; ao contrário, refletia um padrão mais amplo. As casas coloridas pelo tempo, as paredes desgastadas, as calçadas fragmentadas e as ruas estreitas evidenciavam anos de ausência de políticas públicas efetivas e investimentos urbanos consistentes. Contudo, o que mais chamava a atenção não era a precariedade material, mas a discrepância entre essa paisagem física e a força cultural, afetiva e social dos moradores.

A experiência inicial provocou uma reflexão essencial: por que espaços que concentram tanta potência humana são sistematicamente invisibilidades, estigmatizados e rotulados como “lugares perigosos” ou “territórios problemáticos”? A partir dessa inquietação, compreendemos que a reforma de uma única residência não esgotava o potencial transformador que aquele encontro proporcionava. Assim, expandimos a proposta e transformamos o projeto em uma intervenção de caráter coletivo, com foco na revitalização dos espaços, na valorização simbólica da comunidade e na desconstrução de estigmas que recaem historicamente sobre territórios populares.

Esse processo de expansão da proposta revelou algo fundamental: a cor, muitas vezes entendido como mero recurso estético, assume um papel político e cultural decisivo nesses contextos. Pintar fachadas, recuperar calçadas e aplicar paletas vibrantes não significa apenas “embelezar” o ambiente; significa inscrever narrativas, reconstruir identidades, reafirmar pertencimentos e confrontar décadas de apagamento estrutural. As cores escolhidas para o Condomínio flores funciona como resistência um modo de dizer “nós existimos, nós temos identidade, nós pertencemos à cidade”.

Minha participação no projeto envolveu observação ativa, diálogo com os moradores, levantamento diagnóstico, registro de campo, participação em oficinas de escolhas cromáticas, envolvimento direto nas intervenções físicas e discussão coletiva



sobre o impacto da ação. Essa vivência permitiu compreender o território não só como um espaço físico, mas como uma construção simbólica, subjetiva e política. O Condomínio Flores mostrou que a favela não é sinônimo de ausência, mas de potência, e que revitalizar a paisagem urbana é, antes de tudo, revitalizar vínculos, memórias e narrativas.

## **2 Objetivos do projeto**

O objetivo geral do projeto foi promover a valorização simbólica, estética e comunitária do Condomínio Flores, por meio de intervenções participativas de urbanismo simples, pintura de fachadas e mobilização social, visando à desconstrução de estigmas associados às favelas e à amplificação da autoestima dos moradores.

Entre os objetivos específicos, destacamos a intenção de fortalecer a identidade territorial da comunidade; incentivar a participação ativa dos moradores nas decisões estéticas; promover oficinas colaborativas de cor; estimular sentimentos de pertencimento e orgulho; realizar reparos urbanos de pequeno impacto, porém grande significação; fomentar diálogos sobre inclusão social; e expandir, progressivamente, o alcance do projeto para outras vilas e bairros vizinhos, respeitando sempre suas singularidades culturais.

### **2.1 Objetivos Específicos**

2.1.1 aplicar os conhecimentos da Engenharia Civil, especialmente no que se refere à análise urbana, estética ambiental e planejamento do espaço, mostrando como essas habilidades podem ser utilizadas para transformar contextos comunitários.

2.1.2 criar uma proposta visual conceitual que sirva como base para a revitalização do condomínio, incorporando cores, texturas e composições equilibradas que promovam acolhimento e senso de pertencimento.

2.1.3 estabelecer uma comunicação ativa com os moradores, garantindo que suas opiniões, necessidades e expectativas sejam consideradas nas decisões sobre o ambiente. Essa participação aumenta a legitimidade e a efetividade das intervenções.

2.1.4 incentivar o engajamento da comunidade por meio de ações colaborativas de melhoria estética, estimulando os moradores a se reconhecerem como protagonistas das mudanças em seu próprio espaço.

2.1.5 intervir em áreas estratégicas, como fachadas, muros e corredores, buscando transformar a experiência cotidiana de quem circula pelo condomínio.

2.1.6 promover o “direito à beleza”, reforçando a ideia de que todos os lugares independentemente da condição social, localização ou padrão construtivo merecem ser cuidados, valorizados e visualmente agradáveis.

2.1.7 desenvolver a sensibilidade social dos estudantes, ampliando a percepção sobre o papel do engenheiro civil na melhoria da qualidade de vida urbana e na criação de espaços mais humanos, seguros e inclusivos.

2.1.8 reduzir sentimentos de abandono ou descuido presentes na comunidade, por meio da valorização simbólica e estética do ambiente.

2.1.9 demonstrar que pequenas intervenções podem gerar impactos significativos, não apenas na aparência do espaço, mas também no comportamento, humor e convivência dos moradores.



Esses objetivos evidenciam a importância da extensão como ligação entre teoria e prática, mostrando que a formação do engenheiro civil vai além de cálculos e projetos estruturais, envolvendo também responsabilidade social, percepção estética e visão crítica sobre o espaço urbano.

### 3 Fundamentação teórica

A compreensão da favela como território de vida, potência e resistência encontra fundamento em autores que problematizam a urbanização desigual e a narrativa historicamente depreciativa atribuída às comunidades periféricas. A abordagem freireana, por exemplo, reforça que nenhuma transformação social acontece sem diálogo e que qualquer intervenção territorial precisa ser construída com o sujeito, jamais para ele.

Paulo Freire destaca que conhecer o mundo é um processo coletivo de troca, onde ambos quem chega e quem vive constroem novos saberes a partir da realidade. Foi exatamente essa abordagem que orientou os primeiros contatos do grupo com os moradores, evitando impor ideias externas e permitindo que a estética, as cores e as prioridades emergissem da própria comunidade.

Henri Lefebvre contribui com a noção de direito à cidade, defendendo que todo cidadão deve ter acesso não apenas ao território físico, mas também à sua dimensão estética, simbólica e emocional. Assim, a ausência de cor, de cuidado público e de políticas urbanas na favela não é uma condição natural: é o reflexo da desigualdade estrutural que distribui beleza e dignidade de forma desigual pelos territórios. A revitalização cromática, nesse contexto, não é um ato trivial, mas um gesto político que afirma: a favela também merece beleza, reconhecimento e qualidade urbana.

Complementarmente, autores como Jane Jacobs e Milton Santos sustentam que a vida urbana se manifesta na interação humana, nas conexões locais, na vitalidade cultural e no cotidiano dos pequenos espaços. A cidade real se revela nas relações, no olhar do morador, no fluxo das calçadas, na potência criativa que nasce das margens. Assim, ao observar o Condomínio Flores suas formas de convivência, suas redes de apoio e seus modos de organização comprehende-se que ali se manifestavam elementos profundos da “cidade viva”, ainda que sistematicamente visibilizada pelos discursos metropolitanos dominantes.

O projeto também se apoiou nos princípios do urbanismo tático, metodologia baseada em ações rápidas, de baixo custo e alto impacto, que visam testar e demonstrar melhorias urbanas com participação direta da população. A escolha por esse caminho se deu porque as intervenções pintura, recuperação de calçadas, revitalização de muros eram exequíveis, acessíveis e, acima de tudo, significativas para os moradores. Pequenas ações, quando aplicadas estratégicamente, geram transformações profundas.

Por fim, a cor tem valor teórico e emocional amplamente discutido em estudos de psicologia ambiental e sociologia urbana. Pesquisas apontam que cores vibrantes influenciam positividade, sensação de pertencimento e saúde emocional. Em territórios marcados pela falta de investimento estatal, o uso de paletas alegres recupera autoestima, estimula convivência e cria identidade visual. Assim, a metodologia escolhida incorporou não apenas elementos técnicos, mas também afetivos e simbólicos, considerando a cor como instrumento de inclusão e narrativa coletiva.



## 4 Metodologia

O desenvolvimento do projeto envolveu uma abordagem integrada, aliando diagnóstico participativo, escuta ativa, oficinas, construção coletiva e intervenções práticas.

O local escolhido, Condomínio Flores, é composto majoritariamente por famílias de baixa renda, com vínculos profundos de vizinhança e forte identidade comunitária. A metodologia respeitou essas particularidades e buscou valorizar saberes locais.

A primeira etapa consistiu em caminhadas de campo, conversas informais, entrevistas espontâneas e registro fotográfico do espaço. Essas ações serviram para compreender a vivência cotidiana dos moradores, identificar pontos críticos muros quebrados, fachadas descascadas, calçadas irregulares e levantar percepções simbólicas sobre o bairro. Nessa fase, observamos também que a comunidade possuía grande receptividade para projetos que valorizassem sua imagem, pois muitos moradores verbalizavam sentir que a favela carrega estigmas injustos.

A segunda etapa envolveu oficinas de escolha cromática, nas quais os moradores participaram ativamente da definição das paletas. Cores vibrantes como amarelo, azul turquesa, rosa e verde apareceram como preferências, pois eram associadas à alegria, ao mar próximo, à infância e às festas comunitárias. Esse momento foi crucial para reforçar que a estética não seria uma imposição externa, mas uma construção conjunta.

Em seguida, organizamos o cronograma de ação, distribuímos funções, captamos materiais doados, estruturamos equipes e articulamos parcerias. A partir disso, iniciamos a intervenção prática: pintura de fachadas, reparos simples em paredes, revitalização de muros e recuperação de pequenos trechos de calçadas. Todo o processo foi registrado em fotos, diários de campo e relatórios.

Na etapa de devolutiva, realizamos um encontro celebrativo com moradores, apresentando o antes e depois, discutindo o impacto emocional e urbano da intervenção e planejando a continuidade do trabalho, inclusive a expansão para outras áreas periféricas próximas.

O projeto foi conduzido de maneira planejada, respeitando o fluxo dos moradores e garantindo que todos pudessem acompanhar e participar ativamente das ações.

Após a realização da intervenção, foram realizadas as seguintes atividades: Apresentação da proposta visual conceitual aos moradores, evidenciando como ela orientou todo o processo; Roda de conversa com a comunidade, compartilhando aprendizados, ouvindo opiniões e mostrando registros fotográficos do antes e depois; Divulgação do projeto nas redes sociais, com o objetivo de aumentar a visibilidade das ações e valorizar o Condomínio Flores; Reflexões coletivas em sala de aula sobre os impactos observados, os desafios enfrentados e possíveis aprimoramentos para futuras intervenções.

## 5 Resultados e discussão

Os resultados observados foram mais profundos do que o previsto inicialmente. A expectativa era revitalizar poucas casas; entretanto, o engajamento espontâneo dos moradores ampliou o alcance da intervenção, transformando a identidade visual do condomínio como um todo.

As cores vibrantes alteraram profundamente a forma como os residentes olhavam seu próprio território. Crianças demonstraram entusiasmo ao escolher tintas e participar



das pinturas; adultos comentaram que o ambiente “parecia mais vivo”; visitantes relataram se surpreender com a transformação do condomínio. A ação não apenas coloriu paredes, mas resinificou subjetividades.

Além disso, observamos impacto social relevante: moradores passaram a valorizar mais os espaços, demonstraram cuidado com as fachadas revitalizadas e reforçaram a importância de manter o ambiente preservado. A intervenção cromática também gerou maior visibilidade externa, diminuindo estigmas e provocando diálogos sobre urbanismo, inclusão e cidadania.

Houve desafios: limitação de recursos, receio inicial por parte de alguns moradores e obstáculos logísticos devido às ruas estreitas. Contudo, tais dificuldades foram superadas com diálogo e organização comunitária. Os resultados demonstram que pequenas intervenções estéticas, quando conectadas ao tecido social, têm grande capacidade de transformação urbana e humana.

## 6 Reflexão aprofundada

Do ponto de vista acadêmico e pessoal, o projeto proporcionou uma compreensão ampliada do significado do urbanismo e da extensão universitária. As intervenções não se limitaram ao físico; promoveram encontros, trocas e reflexões sobre desigualdade urbana e pertencimento.

A vivência reforçou que revitalizar uma favela é também revitalizar a imagem que a sociedade projeta sobre ela – e, principalmente, a imagem que seus moradores constroem de si mesmos. A cor, nesse sentido, atua como uma linguagem que desmonta narrativas colonizadoras, questiona estigmas e posiciona a favela como território legítimo, culturalmente rico e urbanisticamente vivo.

Aplicar conceitos de Lefebvre mostrou que devolver beleza é devolver direito à cidade. Aplicar Freire mostrou que transformar exige dialogar, escutar e construir coletivamente. A experiência revelou que urbanismo é afeto, política e cidadania.

## 7 Conclusão

O projeto demonstrou que intervenções simples podem provocar transformações simbólicas profundas. A revitalização do Condomínio Flores ultrapassou a estética e tornou-se ato político, cultural e social. A cor devolveu vida, memória e orgulho territorial. A comunidade, antes estigmatizada, passou a enxergar-se com mais força e identidade.

Como estudantes, aprendemos que não há urbanismo sem gente, não há projeto sem diálogo e não há transformação sem afeto. Desmitificar a favela é reconhecer sua potência. É construir com ela e jamais sobre ela.

## Referências Bibliográficas

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Maria Estela Heider Cavalheiro. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.



LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (*Autor complementar sugerido para estudos de legibilidade e identidade visual urbana*).

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EdUSP, 2007.



## Editorial

### Editor-chefe:

Vicente de Paulo Augusto de Oliveira Júnior  
Centro Universitário Fanor Wyden  
[vicente.augusto@wyden.edu.br](mailto:vicente.augusto@wyden.edu.br)

### Editora responsável:

Ozângela de Arruda Silva  
Centro Universitário Fanor Wyden  
[ozangela.arruda@wyden.edu.br](mailto:ozangela.arruda@wyden.edu.br)

### Autor(es):

Felihe Melque Cândido Fenelon  
Centro Universitário Fanor Wyden  
[202204015463@alunos.unifanor.edu.br](mailto:202204015463@alunos.unifanor.edu.br)

Contribuição: *Investigação, escrita e desenvolvimento do texto.*

Francirlene Rayane de Oliveira Serrão  
Centro Universitário Fanor Wyden  
[francirlene.serrao@professores.unifanor.edu.br](mailto:francirlene.serrao@professores.unifanor.edu.br)

Contribuição: *Investigação, orientação, escrita e desenvolvimento do texto.*

Submetido em: 29.11.2025

Aprovado em: 06.12.2025

Publicado em: 26.12.2025

DOI: 10.5281/zenodo.18116629

### Financiamento:

### Como citar este trabalho:

FENELON, Felihe Melque Cândido; SERRÃO, Francirlene Rayane de Oliveira. DESMITIFICANDO A FAPELA: REVITALIZAÇÃO COMUNITÁRIA NO CONDOMÍNIO FLORES. *Duna: Revista Multidisciplinar de Inovação e Práticas de Ensino*, [S. l.], p. 25–34, 2025. DOI: 10.5281/zenodo.18116629. Disponível em: <https://wyden.periodicoscientificos.com.br/index.php/jornadacientifica/article/view/1249>. Acesso em: 1 jan. 2026. (ABNT)

Fenelon, F. M. C., & Serrão, F. R. de O. (2025). DESMITIFICANDO A FAPELA: REVITALIZAÇÃO COMUNITÁRIA NO CONDOMÍNIO FLORES. *Duna: Revista Multidisciplinar De Inovação E Práticas De Ensino*, 25–34. <https://doi.org/10.5281/zenodo.18116629> (APA)



© 2025 Duna – Revista Multidisciplinar de Inovação e Práticas de Ensino. Centro Universitário Fanor Wyden – UniFanor Wyden. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar 4.0 Internacional CC-BY NC 4.0 Internacional).

